



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

**ENVELHECIMENTO E ESTIGMA: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DO COMPORTAMENTO E DO CORPO**

NÁDIA MAROTA MINÓ

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

**1. RESUMO** Este artigo busca mostrar como a identidade, o comportamento humano e o corpo estão sujeitos às normas subjetivas da sociedade, demonstrando que o ser humano se comporta segundo o olhar do outro e de acordo com o que o outro espera dele. Portanto, existe a influência da sociedade sobre a forma de agir, de pensar e de comportar do indivíduo, que desde que nasce é exposto a diversas pedagogias culturais que o molda socialmente. Quando o indivíduo não se comporta nos padrões estabelecidos ou o seu corpo não está adequado com o que a sociedade impõe, ele sofre sanções e pode ser estigmatizado. Discute-se, também, como a ditadura da beleza influencia para que haja um pensamento coletivo e negativo sobre o envelhecimento. Como os produtos de beleza afirmam que para ser belo é preciso ser jovem, e a sociedade estigmatiza a velhice, apesar de que essa fase da vida pode ser rica em aprendizagem e sociabilidade.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Corpo, Estigma. **2. ABSTRACT** This article seeks to show how the identity, human behavior and body are subject to subjective norms of society, demonstrating that the human being behaves according to the gaze of the other and according to what others expect of him. Therefore, there is the influence of society on how to act, think and behave the individual, from birth is exposed to various cultural pedagogies that shapes socially. When the individual does not behave in set patterns or your body is not suited with what society imposes, it suffers sanctions and may be stigmatized. It is argued, too, as the dictatorship of beauty influences so that there is a collective and negative thinking about aging. As the beauty products that claim to be beautiful you have to be young and society stigmatizes old age, although this phase of life can be rich in learning and sociability. **Keywords:** Aging, Body, Stigma.

**3. INTRODUÇÃO** O objetivo deste artigo é discutir como a identidade, o comportamento humano e o corpo estão sujeitos às normas subjetivas da sociedade, capazes de transformá-los em meras construções, segundo as regras do tempo e da cultura, impostas pelas regras e normas que compõem cada sociedade. Em contrapartida, quando o indivíduo não se comporta ou o seu corpo não está adequado com o que a sociedade impõe, ele sofre sanções, podendo ser estigmatizado. Abordando ainda, aspectos associados ao lado positivo de envelhecer. A construção e reconstrução da identidade são processos que acompanham o indivíduo ao longo de toda sua vida. No contexto da cultura, não existem ações naturais, todo o comportamento humano sofre influência do meio em que vive, por isso o indivíduo é levado a corresponder às expectativas impostas pela sociedade para ser socialmente aceito. Comporta-se segundo o que outro espera dele. Assim, o indivíduo é forçado a moldar-se em função das diferentes circunstâncias pelas quais é interpelado no sistema social. As mudanças provenientes dos diversos acontecimentos cotidianos, surgindo em cada momento da vida e cada geração apresentam um componente social diferente, influenciando o comportamento do indivíduo. Com esse processo de adaptação e readaptação que o indivíduo vai construindo sua identidade. Goffman (2007) chama de identidade a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo. Essa se constrói através da vivência de experiências dentro de um grupo, quando o indivíduo se identifica com uma ou outra característica dos demais elementos desse grupo. Quando se interage com os outros grupos procura-se por dicas ou pistas sobre o tipo de comportamento apropriado ao contexto e sobre como interpretar o que pretendem, até mesmo de como o outro gostaria que o indivíduo fosse. Portanto, a sociedade exerce influência sobre a forma como o indivíduo age e pensa, contribuindo para há a moldar as representações e práticas do sujeito ao longo da sua vida. Assim, como o comportamento, as construções em torno do corpo também variam historicamente, de acordo com o tempo e a cultura em que os sujeitos estão inseridos; nos diferentes contextos, esse corpo pode ser visto como uma ferramenta de representação desse indivíduo na sociedade. Para WOLF (1992), vive-se a era do corpo perfeito. Para muitos, sustentar o mito da beleza a qualquer preço é o mais importante e ainda assim nunca estão satisfeitos, pois o nível de exigência vai ficando cada vez maior. Existem pessoas que passam fome, desenvolvendo doenças sérias como a bulimia ou anorexia, alguns são até hospitalizados e outros chegam à morte, em busca de um corpo magro para cumprir um ideal de beleza nunca alcançado. Pessoas de todas as classes, credos e idades sofrem com o que a autora chama de doença e afirma que este mal vem se espalhando por todos os cantos, em pessoas cada vez mais jovens. A autora também relata episódios com consequências graves, levando a pessoa a ter uma vida cheia de limitações, chegando a ficar tão magros que muitos sequer conseguem ter forças para falar em voz alta, perdem a libido e não têm força para fazer uma piada ou participar de uma discussão, se tornam escravos da ditadura do corpo magro,

esteticamente belo pelo novos padrões e jovem. Le Breton (2007) destaca o corpo como um campo da sociologia destinado à compreensão da corporeidade humana, enquanto fenômeno social e corporal, dotado de significações no mundo que o cerca. Dedicar-se às lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem, no qual, através do corpo, as relações com o mundo são construídas, como a inserção do homem em um espaço social e cultural através de seu corpo, a expressão de seus sentimentos, cerimônias dos ritos de interação, produção da aparência, exercícios físicos, relação com a dor e com o sofrimento, dentre outros. O autor ainda descreve que o corpo é dotado de sentidos que levam ao desenvolvimento dos indivíduos, dando características a cada um através do grupo social a que pertence e, posteriormente, propagador de significações, pois, o corpo é um sistema simbólico, carregado de sentidos e valores, que é traduzido e passado para os membros de uma comunidade. Segundo Monteiro (2008), vive-se a era da simulação da beleza. Nunca foi tão fácil retocar o corpo para ser aquilo que o modelo de beleza exige; existem grandes investimentos das indústrias de cosméticos, de cirurgias plásticas e medicamentos que são oferecidos para um mercado que cresce assustadoramente. “A atitude estética, tanto dos homens quanto das mulheres, passou a ser constantemente fiscalizada, e o medo de estar fora do padrão se tornou uma obsessão” (Monteiro, 2008, pág. 18). Essa ditadura da beleza influencia para que haja um pensamento coletivo e negativo sobre o envelhecimento, como se para ser belo é preciso ser jovem. **4. ESTIGMAS LIGADOS À VELHICE** Envelhecer pode ser uma experiência ambígua, na medida em que revela a identificação de um estereótipo negativo, vindo marcado pela sociedade que inferioriza e cultua a beleza e a juventude, transformando a velhice em período de deterioração e perdas. Fenômeno fortemente influenciado pela cultura, uma vez que em outras sociedades, como nos países orientais, os idosos são valorizados e respeitados como detentores da sabedoria, do conhecimento e dos ensinamentos que podem ser passados aos jovens. Infelizmente o mesmo não pode ser dito do povo ocidente, que possui outra cultura, a que desvaloriza e discrimina a velhice; esse apelo cultural exerce forças sobre o fenômeno do envelhecimento na nossa sociedade que podem ser desastrosas.

“Vale a pena examinar como a cultura se torna co-responsável por boa parte dos sofrimentos dos mais idosos. Nesse modelo genérico de velhice ainda presente, ao inscrever a velhice como fator de piedade e filantropia, nega-se a ela o reconhecimento social advindo da conquista de maior visibilidade pelo segmento. Assim, os significados culturais que se somam às terminologias induzem a uma representação social e a uma imagem que reduzem os mais idosos a uma situação de fragilidade e, conseqüentemente, de dependência” (LOPES, 2007, p. 144). Diante dessa realidade, a presente discussão busca refletir sobre a construção social de estigmas ligados à velhice. Considerando que as representações da velhice podem variar

conforme as idades e as influências recebidas da cultura de uma sociedade. Assim, essa reflexão consiste em identificar os modos de subjetivação que se tem produzido os discursos sociais e suas contribuições para esse pensamento coletivo. Essa discussão torna-se relevante, pois vive-se em uma sociedade capitalista que privilegia a força de trabalho e a juventude, estigmatizando as pessoas que não fazem mais parte do mercado economicamente ativo, nem correspondem aos modelos de beleza socialmente aceitos. O envelhecimento populacional no Brasil e no mundo é fenômeno crescente, caracterizado pelo constante aumento da expectativa de vida e da queda da taxa de fecundidade, fator que reduz a população de crianças e jovens e aumenta, consideravelmente, a quantidade de idosos, como confirmam os dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE que apontam que a população brasileira cresceu seis vezes nos últimos 50 anos. Em 1960 havia 3,3 milhões de brasileiros com idade superior a 60 anos (4,7% da população). Em 2010 os idosos representavam 20,5 milhões, ou seja, 10,8% da população, fruto do avanço da ciência, da medicina e a melhoria na qualidade de vida dos mesmos (IBGE, 2010). Paralelo ao crescimento da população de idosos verifica-se uma construção social negativa sobre a velhice, divulgada em piadas; diversas mídias, como propagandas, programas televisivos, filmes e internet; assim como por meio de diversos discursos e outras pedagogias culturais que ditam que envelhecer é ruim, por ser uma fase marcada pela fragilidade, incapacidade, inatividade e dependência física. Sugerindo que ser velho é ser improdutivo, e que para muitos representaria ficar em casa sentado em uma cadeira de balanço lendo um jornal, no caso dos homens, e fazendo tricô, no caso das mulheres, sem vida social, sem lazer e sem aprender algo novo para se atualizar. Ainda segundo os estudos de GOFFMAN (2007), quando pessoas ditas "normais" e estigmatizadas não interagem entre si, a reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado, com base na teoria de que se trata de uma pessoa estragada e diminuída. Pelo ponto de vista do indivíduo estigmatizado, esta interação também justifica a opção de viver isolado ou em companhia de seus pares, para proteger-se e manter sua autoimagem quase que no anonimato. A pessoa estigmatizada que não obtém o respeito da pessoa normal pode não aceitar a si mesma, como se o normal lhe confirmasse seus próprios defeitos. Para tanto, as descrições confirmam que o estigma da velhice pode ser desastroso e levar idosos a

negar a vida em sociedade vivendo enclausurados e inativos em seus lares, marginalizados, mesmo tendo total condição de viver uma vida ativa e produtiva do ponto de vista das relações e convivências em sociedade. **5. PERSPECTIVAS DA VELHICE BEM-SUCEDIDA** Na contramão das construções sociais sobre o estigma de envelhecer, estão os idosos que não se deixam abater e buscam levar uma vida dinâmica, regada de movimentos corporais e relações sociais estreitas, negando estar enclausurados em seus lares em função da falta de algo que preencha seu tempo. Representam parte da população ativa desta faixa etária, basta uma investigação nos núcleos de convivência para idosos que encontramos pessoas acima dos sessenta anos envolvidas em atividades diversas como dança, ginástica, aulas de artesanato e até mesmo de como acessar seus direitos, entre outras modalidades que levam esse público a ter uma vida com a autoestima elevada e com autonomia. Motta (2012) menciona que nos grupos de convivência os idosos são levados a aprender a envelhecer, o que não acontece em outras idades. Não se diz ser necessário aprender a ser jovem ou adulto, mas para envelhecer é preciso uma pedagogia voltada para esse público que cresce e que incomoda o governo com os gastos relativos à previdência. Esses espaços trazem conforto e bem-estar para esse público em questão. Para os idosos, as atividades físicas e de lazer possuem grande relevância na sua rotina e, principalmente, para sua saúde, como afirma Doll (2007).

“A saúde das pessoas tem relação estreita com seu estilo de vida. Enquanto uma vida ativa, incluindo atividades físicas, contribui para a manutenção da saúde e do bem-estar físico, o sedentarismo, bastante comum no mundo moderno, tornou-se uma preocupação da saúde pública por contribuir para uma série de doenças crônicas. A partir dos anos de 1970, a imagem dos esportes e dos exercícios físicos vem sofrendo marcante alteração. Antes restritos a uma minoria, transformaram-se em atividades físicas preconizadas para todos, inclusive para os idosos. Hoje em dia fazem parte da grande maioria de programas de lazer, convivência e educação não-formal para idosos (DOLL, 2007, p. 114). Doll (2007) aponta ainda outro ponto que pode ser muito positivo para o processo de envelhecimento, quando afirma que idosos relatam dificuldades para preencher o vazio deixado pela aposentadoria e, conseqüentemente, pela saída do mercado de trabalho. Uma proposta para preencher este vazio é o trabalho voluntário,

em que a pessoa pode fazer algo de útil para a sociedade, preenchendo o tempo e a mente, além de demonstrar sua experiência e ter reconhecimento perante a sociedade, trazendo resultados positivos para saúde e para a vida social desse indivíduo. Goldenberg (2013) afirma que podemos observar cantores, atores e atrizes que são exemplos de envelhecimento bem-sucedido, aponta essas pessoas por serem conhecidas mundialmente e diz que esses não podem afirmar que são “velhos” ou que demonstram que envelhecer seja algo negativo. Possuem 70 anos ou se aproximam desta idade, mas fazem parte de uma geração que não aceita rótulos e que não veem a velhice como aquele “vovozinho” deslocado e alheio às transformações sociais. Influenciam gerações transformando o comportamento e os valores, tornando a vida mais leve, a sexualidade mais livre e prazerosa. Descobriram seu lugar no mundo e se reinventam permanentemente. Afirma, ainda, que não precisa ser artista famoso para negar rótulos, etiquetas e preconceitos associados à passagem do tempo. Muitos idosos não aceitam se comportar, vestir ou falar de maneira considerada socialmente para “velhos”, portanto, nesta fase da vida conquistam a liberdade de serem “eles mesmos”. Muitos não param de criar e produzir mesmo com a aposentadoria: “não querem aposentar de si mesmos” (Goldenberg, 2013 p. 39). Goldenberg (2013) afirma ainda que as mulheres sofrem mais com a ação do tempo, os hormônios mexem não só com o corpo, mas também com a cabeça delas. Muitos são os fatores que levam ao medo de envelhecer, principalmente no que tange às transformações do corpo, principalmente no universo feminino. Este sentimento está associado à valorização exagerada da imagem. No Brasil, o corpo é um capital para as mulheres, por isso elas estão mais susceptíveis ao medo de envelhecer, faz parte da nossa cultura; em outros países, aos 60 anos as mulheres simplesmente não estão falando sobre a velhice. Aqui, com 30 anos, já estão comprando creme anti-idade. Para Monteiro (2008), o mercado da estética lança a cada momento produtos mais avançados, declarando através das mídias que o novo é sempre melhor que o velho; esse arsenal midiático é poderoso e quase sempre convence, aumentando a esperança de satisfazer um desejo impossível. Os cremes e cosméticos não têm o poder de impedir o envelhecimento ou manter a juventude. Nesse contexto, o conhecimento pode ser um instrumento eficaz para se alcançar a liberdade e acreditar que todos vão envelhecer e que isso não é negativo. “O

conhecimento nos protege das armadilhas dos mitos da beleza, das interações interesseiras do mercado de cosméticos, das armadilhas de uma cultura que determina que ser velho é ser feio” (MONTEIRO, 2008, pag. 25).

**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS** Este estudo de revisão bibliográfica buscou mostrar como a identidade, o comportamento humano e o corpo estão sujeitos às normas subjetivas da sociedade, que o corpo é o nosso instrumento para comunicação com o mundo, é através dele que revelamos nossa identidade e parte do que somos, ele carrega consigo um conjunto de símbolos que demonstram sentidos e valores que são traduzidos e passados para os membros de uma comunidade. Assim como é através dessa comunidade que norteamos esses sentidos e valores e também nossa forma de pensar e agir. Sofremos forte influência do meio em que vivemos, nosso comportamento nunca é natural, ele está sempre previsto dentro das normas de uma determinada sociedade e cultura. Somos frutos das mudanças e normas sociais, sempre procuramos agir de acordo com o que o outro espera de nós. A cultura muda em detrimento da história e dos atores sociais que estão inseridos nela, e essas mudanças também são impostas ao comportamento dos indivíduos que habitam essa cultura. Portanto, a identidade está sempre em formação e transformação, esse processo acompanha o indivíduo ao longo da vida. Todo indivíduo busca se adequar ao meio em que vive, observando o comportamento do outro e, de alguma maneira, o absorve e repete, esse processo se dá como forma de aceitação pela comunidade na qual ele está inserido, uma vez que essas normas de conduta são contrariadas, esse indivíduo será discriminado e sofrerá estigmas, essa situação passa a designar uma nova categoria de pessoas, cuja identidade social não atende às exigências das pessoas ditas normais. Embora o termo tenha um caráter depreciativo, a percepção que o indivíduo normal tem da outra pessoa depende da sua bagagem de valores e das influências sociais que sofreu, o que pode ser normal em uma cultura pode não ser em outra. Com a aceleração do crescimento de idosos no Brasil e no mundo, estudiosos do assunto buscam entender essa fase delicada da vida. Muitos apontam para o estigma que há quanto à figura do idoso. Em detrimento de um modelo atual de beleza e culto da juventude a velhice pode trazer consigo as marcas de que ser velho é sinônimo de ser feio e que essa fase da vida pode ser ruim. Com a aposentadoria e com a saída do mercado de trabalho, muitos idosos ficam enclausurados em seus lares sem

vida social. Porém, alguns descobriram que nessa fase da vida, com os filhos já criados, adquirem mais independência e podem viver mais livremente, buscando trabalhos voluntários, se exercitando, frequentando núcleos de convivência voltados para eles e com isso melhorando a qualidade de vida, a autonomia e a sociabilidade. Existe um percentual de idosos que veio para provar que viver mais é melhor que morrer cedo, que a vida pode ser vivida intensamente enquanto existir forças e vontade de viver, que viver pode ser muito bom e que a sociabilidade pode trazer inúmeros benefícios para a saúde, além de colaborar para que se mantenham ativos, e contribuam para a criação de novos laços de amizade e afeto. Envelhecer bem é uma questão de ponto de vista e de valores particulares que permeiam o curso da vida, incluindo as condições e a história particular de cada um no decorrer de toda sua história, principalmente no que tange ao cuidado com a saúde. Ao frequentarem programas que elevam o nível de qualidade de vida, os idosos podem interferir na trajetória desse envelhecimento, elevando a autoestima, além de manter a vida ativa e com mais autonomia. O objetivo de muitos idosos e estudiosos do assunto tem sido a busca pela promoção de saúde e bem-estar nessa fase da vida, e conclui-se que para isso é importante buscar meios para um envelhecimento saudável, produtivo, ativo e, assim, bem-sucedido.

**7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** DOLL, J. "Educação, cultura e lazer: perspectivas da velhice bem-sucedida". In. Neri, Anita, L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2007. GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975. GOLDENBERG, M. (2013). **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro, Record. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Senso 2010**.

Disponível em:

<<http://>

[www](http://www).

[ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

> Acesso em 19/OUT/2015. Wolf, N. A Fome. In: **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. (p. 237 a 289). LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo**. Editora Vozes, 2ª Ed. Petrópolis- Rio de Janeiro, 2007. LOPES, R. G.



da C. "Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências". In. Neri, A,L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2007. MONTEIRO, P. P. **A Beleza do Corpo na Dinâmica do Envelhecer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (p.18). MOTTA, A. B. da. Entrevista: **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 2, jul./dez., 2012, pp. 283-287.

Disponível em:

<http://

www.

generonaamazonia.ufpa.br

/edicoes/edicao-2/Artigos/Entrevista%20

Alda%20

Britto%20

da%20

Motta.pdf

.> Acesso em 01/NOV/2015.

\*Nádia Marota Minó, Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) 2013. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em economia Doméstica da UFV (2016). Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da UFV. Voluntária do Projeto de Extensão: Esta Ruga Tem História: Envelhecimento, Memória e Transmissão de Saberes, no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) por 3 anos. E-mail: nadiamino@gmail.com

Recebido em: 05/08/2016

Aprovado em: 05/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: